

Gênero e envelhecimento: transformações nos projetos de vida de mulheres com mais de 60 anos.

Avance de investigación em curso.

GT 11: Género, desigualdad y ciudadanía

Paula Fabrícia Brandão Aguiar Mesquita ¹

Resumo

O envelhecimento feminino é constituído em sua multiplicidade, heterogeneidade de composições, atravessado por biografias diferentes, diversidades de classe, gênero, espaço social, dentre outros fatores. O gênero tem um peso fundamental, uma vez que é culturalmente construído, e esse artigo busca analisar essas elaborações forjadas pela cultura e pela subjetividade, interpelando como vivem as mulheres com mais de sessenta anos, abordando aspectos da sua intimidade, referenciando as seguintes questões: como as mulheres brasileiras, especificamente as que moram na cidade de Fortaleza – Ceará encaram os seus processos de envelhecimento? O que está subjacente ao envelhecimento feminino hoje? Pretendo discutir essas facetas, a partir de uma pesquisa com um grupo de mulheres solteiras, separadas e/ou viúvas, que frequentam espaços públicos em Fortaleza, voltados para a terceira idade.

Palavras-chave: Gênero – mulher – envelhecimento.

Introdução

Pensar a velhice numa sociedade que começa a dar os primeiros sinais de envelhecimento é um desafio, pois requer especial sutileza, uma vez que implica lidar com uma nova geração que advém do pós-segunda guerra mundial, o fenômeno nomeado de *baby boomers*, no qual representam a primeira geração feminina a adentrar os muros das universidades, e hoje despontam como protagonista de um novo modo de encarar o envelhecimento. Aqueles papéis sociais, antes assegurados para a mulher que atingia a idade de 60 anos, qual seja, o de avó, cuidadora da família, hoje ficam relegados a segundo plano, pois exercem papéis sociais diferentes daqueles de outrora e revelam formas diversas de envelhecer e lidar com este período da vida.

O envelhecimento permanece sendo um tabu na sociedade contemporânea, ainda que se fale como nunca sobre esse processo, mas pelo eterno desejo de postergar a juventude *ad infinitum*. Cada vez mais temos à disposição métodos para disfarçar o envelhecimento, para tornar as pessoas mais jovens (ou menos velhas), e todo tipo de tratamentos voltados a esse público.

Pretendo nesse artigo, traçar a relação existente entre o envelhecimento e duas questões centrais que permeiam o tema: o gênero e os novos papéis assumidos pelas mulheres com mais de 60 anos. A minha análise partirá das observações advindas de um grupo de mulheres que vivem numa capital do nordeste brasileiro, historicamente vinculado a padrões machistas e modos sexistas de encarar seu espaço no mundo. Isso é atordoante, pois requer o olhar atento a uma série de marcas que essas mulheres carregam ao longo de séculos. Não é à toa que elas têm me dito que “não querem mais saber de homens”, o que me parece claro é que não querem mais esse modelo que conheceram como

¹ Doutoranda em Sociologia - Universidade Federal do Ceará (UFC).

maridos, noivos ou namorados. Elas buscam também um parceiro diferente, com novos valores e modos de encarar o que significa ser homem e ser mulher na velhice, que possam dividir os atributos diários e não acumular atividades em suas vidas. Não lhes interessa um companheiro para cuidar, fazer comida e ir a todos os seus programas sem resistência! Elas querem estabelecer igualdades de gênero, gozar dessa flexibilidade de vida que sempre esteve restrita ao domínio masculino.

Envelhecimento e curso de vida: os novos sentidos de *ser* velha.

O envelhecimento e o modo de encará-lo tem passado por mudanças significativas na sua concepção. Primeiro, pelo aumento da expectativa de vida das pessoas pós 60 anos. Segundo, pela ruptura com os padrões historicamente compreendidos como práticas e discursos de envelhecimento.

Lasch (1983) revela que é falso atribuir à medicina moderna ²o aumento da expectativa de vida. Contudo isso se deve à elevação no padrão de vida, sobretudo os melhoramentos na dieta, na higiene e no padrão de vida como um todo. Esse autor, que inicia sua discussão com a frase “o horror à velhice”, afirma que a *sociedade industrial adiantada* americana faz uma campanha contra a velhice na razão diametralmente oposta ao culto da juventude. Tanto é que a crise da velhice naquela sociedade surge ainda prematuramente, quando as pessoas vivem a crise da meia idade aos 40 anos, cuja compreensão é a de que a velhice assoma à sua porta, iniciando o declínio de sua vida.

Contudo muitos dos estereótipos que circundavam o envelhecimento, os mitos e tabus que rodeavam essa atmosfera estabelecida como época das perdas dos papéis socialmente estabelecidos, foi revista e passou a ser compreendida como um dos estágios mais avançados da vida, movidos por projetos pessoais antes abandonados por falta de tempo, pela busca de prazer pessoal e satisfação. Essa nova perspectiva da velhice, porém, traz consigo a sua própria reprivatização, assim observada:

A nova imagem do idoso não oferece instrumentos capazes de enfrentar a decadência de habilidades cognitivas e controles físicos e emocionais que são fundamentais, na nossa sociedade, para que um indivíduo seja reconhecido como ser autônomo, capaz de um exercício pleno dos direitos de cidadania. A dissolução desses problemas nas representações gratificantes da terceira idade é um elemento ativo na reprivatização do envelhecimento, na medida em que a visibilidade conquistada pelas experiências inovadoras e bem-sucedidas fecha o espaço para as situações de abandono e dependência. (DEBERT: 1999, p.15).

Embora *ser* velha hoje seja diferente de 50 anos atrás, ou seja, ainda com essa diferença, as pessoas continuam reticentes e temem envelhecer e até mesmo usar o termo, hoje considerado por alguns como politicamente incorreto. O certo seria chamar idoso, terceira idade, melhor idade e até mesmo quarta idade. Claro está que essas ressemantizações para além de modificar o sentido, marcam o interesse de empresas e do mercado de consumo, que busca reconstituir essa condição vinculado-a como consumidor e sujeito ativo. Peixoto (2005) adverte para o fato de que nos anos 1990, na França, os empresários passaram a ter grande interesse nesse público por conta de seu poder de compra. E diz:

Surgiram, nessa década, revistas e estações de rádio voltadas para esse público, reforçando a noção do “sênior marketing” introduzida por um publicitário francês para designar as pessoas com mais de 50 anos, aposentados ou não, e que detém melhor poder aquisitivo. Diz ele: “Eles sabem que lhes restam 10 ou

² Para o autor, são duas as abordagens da velhice como problema, quais sejam: a velhice como categoria social e não biológica, que rejeita a decadência física e direciona para a esperança. E a velhice como problema médico, que atribui o aumento da expectativa de vida à medicina moderna.

15 anos de vida com boa saúde. Eles querem aproveitar e consumir mais.”(...) A expressão sênior se disseminou de tal maneira que o uso de terceira idade e “idosos” foi totalmente abolido nas empresas, nas instituições públicas e mesmo em textos sociológicos. (P.37).

Com a proliferação da imagem da velhice positiva, a autoestima dessas pessoas foi elevada de forma brusca. O que antes era visto como algo de conotações apenas negativas confere outra roupagem. Parece, entretanto, que ficou proibido falar sobre os aspectos biológicos do envelhecimento. Percebi que as pesquisas sociológicas têm esquecido de apontar para esse lado, como se não fosse competência da nossa área reforçar essas características historicamente enfocadas quando se tratava desse assunto; ou ainda que só interessasse mostrar essa velhice positiva, correndo o risco de cair nas teias do discurso oficial da Geriatria e Gerontologia.

Outra discussão importante, quando é esse o assunto em voga, é com relação as fases da vida. De acordo com Pais (2010) não podem ser vistas como compartimentos isolados. As categorias etárias são construções sociais e, como tais, variam de acordo com os contextos históricos e culturais que configuram tais categorias. E mais: transpondo um enfoque puramente biológico, trata-se de um campo de luta simbólica. “Por isso, os investimentos na imagem corporal e na própria longevidade legitimam a existência da idade como um capital simbólico que, não por acaso, conta com o assédio das indústrias cosméticas, farmacêuticas e biotecnológicas, para além do suporte das políticas públicas dirigidas ao bem-estar social.” (P.20).

Nos meios aristocráticos do século XVIII, segundo Pais (IDEM), a socialização dos jovens acontecia por antecipação da velhice e eles queriam ter aquele ar caduco, esboçado por perucas esbranquiçadas para encobrir as suas poucas idades. Hoje é exatamente o contrário: os mais velhos fazem de tudo para parecer mais novos, pois a idade de referência passou a ser a juventude. Essas idades, portanto, são manipuladas e dissimuladas, fazendo com que as identidades dos cursos de vida se definam pelo que parecem ser.

Como essas fronteiras entre as fases da vida estão cada vez mais fluidas, me ocorreu a ideia de que podemos tratar essas mulheres de 60 a 70 anos da minha pesquisa como fazendo parte de gerações de fronteiras, pois elas estão entre a vida dita adulta e a quarta idade, nomeada velhice propriamente dita. Elas não se consideram velhas porque tem identidades forjadas num tempo de grandes manipulações e transformações não apenas na aparência do corpo para torná-lo mais jovem – que qualifica seu capital simbólico – mas também nos seus projetos de vida, fortemente ancorados nos discursos da aposentadoria, mas não na ausência de trabalhos.

Esse autor ainda diz que esse prolongamento pode assim ser concebido:

[...] Hoje pode ser-se jovem aos 35 anos ou mais, enquanto, em contrapartida, uns 60 anos bem conservados não são necessariamente um atributo de velhice. Curiosamente, o inquérito realizado mostra-nos que, quanto mais idade se tem, mais se tende a pensar que é preciso ter mais idade para se ser considerado velho; ou seja, quanto mais velho se é, mais se tende a fugir da velhice (em Portugal, os inquiridos com mais de 60 anos tendem a considerar velhos os de mais de 70; para os jovens, a média da idade normativa da velhice é de 67 anos). (P.23)

Isso eu pude observar não só na minha pesquisa, como na vida cotidiana: velha é sempre a outra. Quando entrevistava uma pessoa com 60 anos, de fato, ela considerava que precisava mais de uns oito anos para ser considerada velha. Assim como ao entrevistar quem tinha essa idade, 68 anos, ela acreditava que também não poderia ser enquadrada na idade da velhice. Quanto ao que o autor escreve

como “idade bem conservada” foi para mim, a primeira grande lição em campo: nunca dizer que uma mulher está conservada. Isso soa como algo bem ruim para elas. “Conservada? Acabou comigo! Conservada é comida! Melhor dizer que ainda estou com boa aparência, jovial.” (Diário de campo: 21/03/2011).

Ao analisar a perspectiva, tanto dos marcadores de passagem que não são de modo algum negligenciados e as potencialidades das biografias individuais, não se pode pensar as idades da vida de modo linear. Eis por que hoje se evita, de modo até bastante categórico, a denominação *ciclo de vida* e privilegia-se o uso de *curso de vida*. Debert (1999) acentua que, para a Antropologia, um modo de analisar as formas de sociabilidade em diferentes sociedades é a observação de como a vida é periodizada e o tipo de relação entre as diferentes faixas etárias. “É mostrar como um processo biológico é investido culturalmente, elaborado simbolicamente com rituais marcando fronteiras de idades pelas quais os indivíduos passam.” (P.40).

O recurso a ciclo de vida, de acordo com Giddens (1992), não tem mais sentido nas sociedades modernas porque houve uma quebra entre as conexões de vida pessoal e geração. O conceito de geração só faz sentido nesse tipo de sociedade se pensado em oposição ao tempo padronizado. Já o curso de vida, para Debert, é: “Um espaço de experiências abertas e não de passagens ritualizadas de uma etapa para outra. Cada fase de transição tende a ser interpretada, pelo indivíduo, como uma crise de identidade e o curso de vida é construído em termos da necessidade antecipada de confrontar e resolver essas fases de crise.” (1999: p. 53).

Faz-se necessário, portanto, fugir dos discursos homogeneizante da velhice que não comportam as diferenças sociais, de gênero, culturais, dentre outros aspectos. Teixeira (2008) ensina que o envelhecimento é multidimensional, e que tem pressupostos diferenciados de acordo com a classe, *status* e hierarquias sociais, assim compreendidas: “o homem envelhece sob determinadas condições de vida, fruto do lugar que ocupa nas relações de produção e reprodução social, não se podem universalizar suas características no processo de construção das bases materiais da existência, porque os homens não vivem e se reproduzem como iguais.” (P.30) Essa autora compreende o envelhecimento como um problema social para as classes destituídas de propriedade e de controle do tempo de vida na sociedade capitalista. Assim, ela, visa a romper com as perspectivas teóricas de *experts* do envelhecimento que tendem a unificar esse processo.

Velhice e gênero: os novos sentidos do envelhecimento feminino.

Os novos recortes propostos para estudo na Antropologia, sobretudo idade e gênero, são para Debert (1999) dimensões privilegiadas para dar conta das mudanças da sociedade brasileira. E enfatiza:

Gênero, mesmo constituindo-se em uma questão polêmica, é uma noção claramente explicitada nos projetos e de tal forma incorporada no debate acadêmico que qualquer pesquisa, mesmo quando seu universo é claramente definido, será criticada se não levar em conta as diferenças entre a experiência feminina e a masculina, nas mais diversas manifestações analisadas. (DEBERT, 1999: P.41).

A produção sobre velhice cresce de modo gradativo, à medida que estudiosos e pesquisadores creditam o interesse em estudar esse tema ao crescimento da população em percurso de envelhecimento. Outra diferenciação que se faz *mister* nessa discussão são as questões de gênero, pois os processos de envelhecimento são diferentes. E também ressalto que a dimensão de gênero não se limita a estrutura binária de homem e mulher. Existem pessoas que não se reconhecem nessas posições, possuindo identidades diferenciadas, a saber: gays, lésbicas, bissexuais, travestis e transexuais.

A categoria gênero, apresentada como modelo de análise, surge nos anos 1970, advinda do movimento feminista. Difundiu-se com rapidez como *women's study* na Inglaterra e Estados Unidos e chega ao Brasil, nos anos 1980, com destaque para Heilborn, Franchetto e Cavalcanti (BRITTO DA MOTTA, 1999).

Os estudos sobre velhice e gênero tem encontrado grande importância, como retrata Britto da Motta (1999). Para a autora, as idosas tem uma grande afirmação da identidade de gênero que se vincula à de geração, ao perceber que homens e mulheres se colocam de modo diferente em suas possibilidades de bem-estar, liberdade e auto-realização na velhice.

Judith Butler (2012) ao analisar os problemas de gênero, assegura que como o sujeito não cria instituições ou discursos, mas o processo é o inverso, o sujeito é que é criado por eles que determinam seu sexo, sexualidade e gênero, afirma:

[...] a distinção entre sexo e gênero atende a tese de que, por mais que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente não é nem o resultado causal do sexo, nem tão pouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo. Se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo desta ou daquela maneira. Levada a seu limite lógico, a distinção sexo/gênero sugere uma descontinuidade radical entre corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos.” (P.24).

Esse artigo versará sobre as mulheres mais especificamente, compreendendo que essa dimensão do envelhecimento salta aos olhos, sendo algo comum encontrarmos, no cotidiano dos grandes centros urbanos, mais velhas que velhos. Isso se deve por uma série de questões dentre elas, o maior número de óbitos do sexo masculino após os 55 anos, devido a maior incidência de uso de bebidas alcoólicas e cigarros, ausência de atividades físicas, dentre outros fatores.

As entrevistadas na minha pesquisa representam uma geração na qual ser mulher evidencia-se através das pequenas lutas e conquistas do dia-a-dia. Foram as primeiras mulheres a adentrarem os muros das universidades, portanto, tinham uma profissão e administraram ou não com a família. Elas não tiveram que abrir mão do trabalho para ter filhos ou maridos, mas conseguiram, bem ou mal, administrar os dois lados. A chegada dos 60 anos não teve impacto grande em suas vidas, segundo elas, porque, após se aposentarem, continuaram trabalhando ainda que com uma carga reduzida. E também a demora dos filhos de saírem de casa, pelo prolongamento da juventude, fez com que aquelas que tinham filhos permanecessem com algum deles em casa até hoje, assumindo parte dos custos deles.

O envelhecimento é de fato diferente entre homens e mulheres, contudo, a velhice feminina passa por certas redefinições que parecem ser ainda maiores do que aquelas que os homens atravessam, porque, além de terem sido a primeira geração de mulheres que foi às universidades, que procurou o emprego como fonte de renda e independência, agora, quando chegam à velhice, perdem os papéis conquistados ao longo de uma vida, e ainda aqueles que tinham no âmbito familiar. É nesse momento, contudo, de perdas e ganhos de papéis e lugares, que elas redefinem o seu lugar social.

Não importa como sejam aferidos os ganhos consideráveis no envelhecimento - sejam eles pronunciados como oportunidades de rejuvenescimento, de ocupação do tempo, tornando-o mais útil, aumento da saúde e qualidade de vida desses sujeitos – eles implicam um esquecimento de determinados sinais de envelhecimento que podem ser até amenizados, mas não deixam de existir. Foi Verônica que me chamou atenção para isso de modo contundente:

Tô sentindo mais agora (o impacto do envelhecimento), na impotência do corpo que pesa, pesa mais. Por exemplo, não penso como uma velhinha. É muito diferente da época das mães da gente. Você e os outros também tratam de forma normal. Mas eu tô sentido é essa coisa da decadência física. Aquela piada da idade do “com dor” é verdadeira. Começa desgaste daqui e dali, coisas que você não repõe, tenta, mas não é a mesma coisa, não é a mesma disposição.(...) O corpinho não acompanha. Eu leio muito, uso internet, a memória falha um pouco, mas igual a todo mundo. Mas o corpinho já reclama... quando dorme tarde demais, quando viaja cansa mais... Sua cabeça. Um dia desses quando fiz 65 pensei, meu Deus, até quando eu vou poder dirigir? Comecei a ficar preocupada em deixar de dirigir, significa certa dependência né?! Tem taxi, mas tem que ter aquele dinheiro na hora. Aí fiquei pensando até 70 dá pra dirigir? Mas já com a idade visual, atenção cai um pouquinho. Eu não me considero velhinha. Hoje eu estava fazendo fisioterapia e tinha duas velhinhas e uma dizia pra outra que tinha 75 anos, que não se considerava velhinha. Não tinha jeito de velha. Ela disse: ‘Velho pra mim é mais de 90 anos.’ Hoje vejo na televisão mostra o velho sempre levantando eles, namorando. E hoje você tem informação de como rejuvenescer, manter-se mais jovem: plásticas, a própria alimentação, antioxidantes retarda o envelhecimento, isso tudo ajuda.

Essas mulheres mostraram que suas biografias interferem na qualidade e na forma subjetiva como lidam com o envelhecimento. Ana Maria, 64 anos, por exemplo, assim avalia o seu envelhecimento:

“A gente quando tá no segundo grau sonha em entrar para a faculdade. Quando entra é uma decepção imensa: não arranja emprego, não era aquilo que a gente pensava, a gente sai muito despreparada. Eu senti isso. Aí vamos trabalhar. O sonho agora é a aposentadoria. Quando se aposenta, minha filha, foi a maior decepção da minha vida! Eu me senti assim um lixo! Pra mim a vida é muito cruel porque quando a gente tem muita energia tem pouco dinheiro e pouco tempo para aproveitar do jeito que a gente quer. Aí espera pela aposentadoria: ‘quando eu me aposentar vou fazer isso, vou fazer aquilo’. Quando se aposentar, vai ficar dentro de casa cuidando dos filhos! Os filhos tudo adultos, mas você cozinhando, lavando, passando... Ainda mais nos dias de hoje, que você não acha mais empregada. Pra mim a decepção foi por isso e também porque até os 60 anos eu tinha uma saúde muito boa e depois dos 60 anos, eu senti que quando eu fiquei em casa, eu fui vendo o que é realmente a terceira idade. Porque a primeira é aquela até ficar adulto. Depois adulto. E depois pós-adulto. É aí que vem o medo, a insegurança, a falta de esperança, a gente achando que a gente não serve mais pra nada, as pessoas chamando você de idosa, eu já estou cansada! Depois que eu me aposentei parti pra dançar, uso isso como academia pra mim. Eu não posso pagar hidroginástica, pilates, seria uma coisa boa, mas não posso. Aí eu vou e danço três vezes na semana para atender essas necessidades.”

Essa narradora conta seu envelhecimento de uma forma bastante dolorosa, pois ela teve uma queda substancial na sua qualidade de vida. A espera pela aposentadoria que servia de guarida para seus grandes sonhos e como motor para sua vida, quando chegou, se mostrou dura: ela passou a ficar dentro de casa, com seus filhos e suas frustrações, sem ter uma perspectiva de melhorar esse quadro. É

como Santos afirma: “O sonho de começar a viver quando se aposentar, de usufruir dos prazeres da vida quando não precisar mais cumprir horário, seguir a rotina profissional, é surpreendido e frustrado com o vazio da falta do que fazer, das limitações físicas e de saúde.” (2003: p.14)

Sentir-se um lixo, sentimento que reflete o quão doloroso para ela é envelhecer, ser uma mulher em envelhecimento, que quando se aposenta não consegue fugir das amarguras do lar, cuidando de filhos já adultos, que com o alargamento das idades demoram mais a sair da tutela dos pais. Inclusive um de seus filhos ainda levou a esposa para morar lá, fato que para ela tirou sua privacidade e ainda aumentou seu trabalho com a casa.

Já Vera, 68 anos, na sua narrativa, mostrou de forma diferente como processou o envelhecimento. Essa, como era da área acadêmica, não chegou a ficar em casa e recorreu a um outro modo de viver a sua velhice.

“Me aposentei da Universidade e tive a sensação de perda, muito momentânea, pois logo em seguida fui chamada para voltar para instituições. Então eu tive a angústia assim de uma semana, de estar aposentada, sem aquela carga horária, sem saber direito o que fazer. (...) No tempo em que eu acho que ia ficar mais deprimida, porque eu fiquei uma semana, foi quando souberam que eu tinha me aposentado, e tive a sorte de pedirem minha permanência na instituição. Não deu tempo de ter sofrimento. Mas eu tive uma angústia existencial logo que vi a portaria, a primeira e a segunda.

Depois dos 60 anos, a mudança que teve na minha vida para olhar para uma outra dimensão foi quando eu perdi o meu marido aos sessenta anos (...) Me aproximei do espiritismo. Eu era católica, aquela que todo mundo é, que não se projeta muito no catolicismo, mas todos os seus valores são cristãos. Aí que procurei o espiritismo como uma forma de consolo. E aí eu saí do espiritismo e fui para área da espiritualidade. É mais ampla. Comecei a fazer constelações familiares, comecei a me autoconhecer melhor, sofri muito! Conheci o sofrimento porque embora eu tenha sido casada uma primeira vez antes desse, mas eu não tinha sentido a perda do primeiro, que era um casamento ainda de adolescência. Eu tive sentimento de perda, tive graves problemas de saúde nesses cinco anos, então eu mudei a dimensão desse trabalho. Embora fosse importante (o trabalho) o mais importante foi circular por essas outras áreas. Eu andei em dinâmicas de grupo, eu andei em Yoga, eu andei em constelação familiar, toda uma nova dimensão mais vinculada a física quântica. Eu estava buscando o equilíbrio que eu tinha perdido, que é o que eu ainda tô buscando, já evolui muito nessa parte. E outra, eu pensava, meu Deus, eu vivi tanto tempo sem consciência dos meus sentimentos, sentia, mas não tinha consciência de que grau era esse sentimento, como é o amor na minha vida. Nunca tinha me perguntado sobre essas coisas mais espirituais. Essa mudança se deu na perda do meu marido e não na busca de uma área nova. Era como se essa área fosse a única a me dar suporte, porque aí veio tudo que não tinha vindo antes, vieram tudo: angústia, os tempos de infância, perda total dos dentes, problema no joelho, tive que fazer prótese no joelho, perda de cabelos, a solidão, a não-sexualidade, que eu não me relacionei com ninguém até hoje. Uma situação que eu busquei um apoio ou eu certamente teria entrado numa depressão. Entrei mas foi numa briga, numa luta, muito difícil, fui indo, recolocando, e só depois de cinco anos é que estou tendo uma dimensão do meu equilíbrio. Um equilíbrio entre o racional e o emocional, eu era muito mais racional, antes a

minha forma de ser. Talvez seja até uma coisa decorrente da própria idade, talvez até tivesse vindo se ele não tivesse morrido, mas veio com a perda, perda radical da pessoa que amava.

A velhice vem com todos os dilemas de uma vida inteira. Aquele sentimento deixado de lado por conta da correria do dia a dia, a falta de tempo para uma maior reflexividade parece que chegam como um vendaval, espalhando as folhas por todos os cantos e as pessoas nem sabem por onde começar a organizar. Essa é uma intuição minha! Vera foi uma interlocutora que me deixou dias pensando sobre suas reflexões de vida. Pareceu-me pouco o suporte da Sociologia para enfrentar seu discurso que é tão rico, durante toda a entrevista, em aspectos psicanalíticos e da Psicologia em si. Nesse trecho acima, até menos do que em outros. A sua abordagem do sentido que atribui ao seu envelhecimento traz em si uma abordagem espiritual, de busca de uma espiritualidade que em sua trajetória de vida foi esquecida em nome da racionalidade e do pragmatismo do seu trabalho.

Considerações finais

A sabedoria de envelhecer consiste na capacidade de saber ou de ter tempo para pensar o que é mesmo que importa para si e aquilo que não faz mais sentido algum. Não faz mais sentido viver só para o trabalho, sem ter a sensibilidade de reconhecer o amor que estava ali ao seu lado – grande ressentimento que Vera tem – e esquecendo a vida espiritual. O que ainda vale a pena? Recuperar um projeto de vida voltado para a espiritualidade, conhecer mais profundamente a si mesma nem que seja na busca por outras encarnações. A velhice talvez seja uma grande chance de retomar o que ficou perdido ao longo do caminho. Tudo aquilo que ficou para trás por falta de tempo, pela correria cotidiana, pela ausência de maturidade para apreender a essência das coisas.

Para outras mulheres que tiveram uma vida de trabalho e cuidados com a família, a velhice é sinônimo de liberdade. Goldemberg (2011), baseada em suas pesquisas sobre envelhecimento e gênero, conclui: “Muitos velhos mostram que a liberdade e a felicidade são conquistas só possíveis na vida madura. Daí a ideia de incorporar o tema da felicidade como um dos possíveis ganhos do envelhecimento.” (P.18). Para as mulheres que ao longo de sua trajetória de vida estabeleceram uma carreira profissional, dedicaram-se à vida acadêmica e ainda tiveram filhos, é possível compreender os motivos que as levam a compreenderem o envelhecimento como o momento por excelência de usufruir da liberdade, mas essa jamais deveria torná-las escravas dela.

A liberdade deve ser cultivada como tal, no entanto, percebo que, no discurso das interlocutoras, ela chega a ser um bem, um capital inegociável. Em nome dela, as mulheres criam um muro intransponível, mesmo na busca de novos parceiros, o que para elas implicaria, necessariamente, a troca de liberdade por um relacionamento.

Bibliografia

- BUTLER, J.(2012). *Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- DEBERT, G.G.(1999). *A reinvenção da velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Fapesp.
- GIDDENS, A.(1992). *A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo*. São Paulo: Unesp.
- GOLDENBERG, M.(2011). *Corpo, envelhecimento e felicidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- LASCH, C. (1983). *A Cultura do Narcisismo. A vida americana numa era de esperanças em declínio*. Rio de Janeiro: Imago.

MOTTA, A. B.(1999). As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento. *In Cadernos Pagu, São Paulo, Campinas, n 13, p.191-221.*

PAIS, J. M.(2010). Cursos de vida, padronizações e disritmias. *In PAIS, José Machado, FERREIA, Vitor Sérgio. (orgs.) Tempos e transições de vida. Portugal ao Espelho da Europa.* Lisboa: ICS.

PEIXOTO, C.(2005). *Envelhecimento, políticas sociais e novas tecnologias.* Rio de Janeiro: Editora FGV.

TEIXEIRA, S. M.(2008). *Envelhecimento e trabalho no tempo social: implicações para a proteção social no Brasil.* São Paulo: Cortez.